

Abertura de dados públicos e mobilidade

» PEDRO SOMMA
CSO da MaaS Global



A esta altura, já está claro para todos que as eleições deste ano têm um impacto enorme no futuro. Todas têm, mas em praticamente todos os setores da nossa sociedade, o momento é especialmente crítico e o sucesso (ou fracasso) de diversas políticas públicas depende de decisões rápidas e assertivas de gestores públicos, tanto no nível federal, quanto no estadual. Na mobilidade, por exemplo, está sendo decidido agora o modelo de transporte — e cidade — que queremos.

A pandemia trouxe diversos impactos para o transporte público: a queda drástica no número de passageiros, com impacto direto na receita, deixou muitas empresas em situação calamitosa, necessitando de apoio financeiro direto do setor público. No entanto, a crise do transporte vem desde antes disso, sendo a covid-19 apenas um acelerador do processo, mas não seu gerador. Números da cidade de São Paulo já apontavam uma queda no número de usuários dos ônibus como resultado da oferta de novas opções de transporte, como a maior demanda do uso de carros contratados por aplicativo. Em uma cidade de mais de 11 milhões de pessoas, imaginar que a mobilidade será resolvida por meio de carros é o mesmo que acreditar que vamos tornar as cidades mais sustentáveis aumentando as emissões de CO². Não há solução para a mobilidade urbana (e para as mudanças climáticas) sem o transporte público.

Mesmo concordando comigo, o leitor pode agora trazer uma questão essencial para essa conversa: a qualidade do transporte público. A realidade do transporte público em muitas cidades do Brasil mais afasta do que aproxima os passageiros. Transportes em condições precárias e uma operação pouco previsível são alguns dos percalços que os clientes da mobilidade enfrentam diariamente. Além disso, facilidade de pagamento e integração também é uma barreira: enquanto em cidades como Londres ou mesmo Rio de Janeiro, basta entrar em uma estação de metrô para comprar um cartão de transporte, em São Paulo, para ter um bilhete único (BU) é necessário se cadastrar previamente em um site, aguardar um prazo para buscar retirar pessoalmente em um posto de atendimento da SPTrans (quem já viveu sabe o tormento que é). Pergunto agora: para todas as dores anteriores, quem é o principal responsável para encontrar soluções? Exatamente, o setor público.

É claro que ele não precisa fazer tudo sozinho. Na minha opinião, nem deve seguir esse caminho, mas cabe aos gestores públicos eleitos definir e coordenar agendas que consigam

de fato trazer os passageiros de volta ao transporte público, reduzindo o uso de carros privados e devolvendo a cidade aos pedestres. A cooperação com o setor privado é uma ferramenta importante para isso: articular com os operadores de transporte melhorias para o conforto dos passageiros é chave, mas trabalhar em conjunto com plataformas de tecnologia tem papel importante para que o cidadão tenha, por exemplo, acesso facilitado ao pagamento integrado do transporte e à situação da mobilidade urbana em tempo real.

Tornar a comercialização de créditos aberta é relevante, mas o avanço para a validação no bloqueio (a famosa 'abertura da catraca') teria um impacto imenso para a experiência: passageiros passariam a comprar e usar créditos para o transporte público, integrando também com o pagamento de bicicletas e outros modos. O sucesso desse tipo de política de acesso ao transporte passa, exatamente, pela abertura do sistema de bilhetagem para o máximo de parceiros privados possível, tornando a oferta para os cidadãos ampla e irrestrita. Por que apenas um cartão de transporte se o que importa é melhorar a experiência de quem realmente precisa, o cliente do transporte público?

O mesmo vale para a previsibilidade: em São Paulo, por exemplo, já é possível encontrar no aplicativo da Quicko (e em outros) o horário em que cada ônibus chegará ao ponto de forma assertiva. Isso pode ser estendido para outros meios de transporte, caso os governos se disponibilizem a abrir dados operacionais de forma transparente, afinal, são dados públicos. Permitir que plataformas de tecnologia acessem dados em tempo real dos transportes vai tornar a experiência de embarcar em um ônibus mais segura e confiável, reduzindo, por exemplo, as incertezas que uma pessoa encara ao sair de casa para o trabalho.

Nesse sentido, questionar candidatos sobre a visão deles para melhorar a forma como as pessoas se deslocam pela cidade é chave. Se queremos cidades mais sustentáveis, com menos CO², mais seguras e menos ruidosas, priorizar formas de transporte público, com qualidade e facilidade, gerando mais acessos é fundamental. Exemplos de Paris, Londres e Nova York mostram que priorizar o cidadão é a melhor forma de melhorar a vida urbana. Em 2022, vamos às urnas e pergunto: vamos priorizar as pessoas?

Ouviram da Bahia as margens plácidas

» NORTON F. NICOLAZZI JR.

Professor de história e coordenador do Núcleo de Evolução de Conteúdo do Sistema Positivo de Ensino

"Ouviram da Bahia as margens plácidas / de um povo heróico, negro, indígena e cheio de mulheres o brado retumbante." Quem dera o *Hino Nacional* trouxesse, entre suas palavras rebuscadas e seus instrumentos afinados, uma história mais parecida com a que o Brasil colônia realmente viu acontecer. Celebração da efeméride que rompeu os laços políticos da então colônia ibérica com sua metrópole, Portugal, o bicentenário do histórico 7 de Setembro de 1822 é apenas parte do que devemos ao nosso passado repleto de heróis desconhecidos, que lutaram — e morreram — bravamente por um início de país.

Na Bahia, no Piauí, no Maranhão, no Pará, em Pernambuco e outros lugares, muito sangue de homens e mulheres negros e indígenas, tantos deles escravizados, precisou ser derramado para que Dom Pedro I pudesse, naquele início de setembro, erguer sua espada e gritar "Independência ou morte!". Como de costume, no Brasil, os créditos ficaram com quem podia mais. Mas, longe de ser pacífico, nosso processo de independência teve envolvimento fundamental da população, principalmente a mais pobre e vulnerável. Ele também começou bem antes e terminou bem depois daquele único dia.

Desde a chegada da família real e da corte ao Brasil, em 1808, a fisionomia colonial foi gradativamente esmaecendo por um processo de "modernização", que contou com a instalação do Conselho de Estado, da Corte Suprema, do Conselho Real da Fazenda, da Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação e do Banco do Brasil. A reboque veio a

permissão para a instalação das primeiras tipografias, até então proibidas (vale lembrar que o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, era publicado na Inglaterra). O desembarque da missão artística francesa, em 1816, que trouxe arquitetos, pintores, compositores, botânicos, zoólogos e outros cientistas, foi responsável pela criação de novos prédios e pelo registro da geografia, flora e fauna brasileiras. Um novo rosto, esse mais brasileiro do que português, ia se delineando.

Se, no papel e nas relações políticas, os embates eram mais diplomáticos que práticos, nos recônditos brasileiros houve guerra de verdade. Muita guerra. Um número incalculável de cidadãos comuns engrassou as linhas de frente para combater as tropas portuguesas, bem mais preparadas e com um arsenal bélico adequado. Enquanto isso, os brasileiros disputavam de facas, facões e outras armas que encontravam em suas próprias casas. Não à toa, as baixas eram muito mais frequentes entre os "soldados" daqui.

Conta a tradição oral que em Itaparica, na Bahia, um grupo de marisqueiras, liderado por Maria Felipa de Oliveira, ateuo fogo em dezenas de embarcações portuguesas e foi capaz, ainda, de aplicar uma surra de cansaço — planta que provoca queimaduras na pele — em marinheiros falsamente seduzidos por elas. Se Maria Felipa foi ou não real, pouco importa. Porque ela é muito real, até hoje, no orgulho e na memória do povo que verdadeiramente fez a Independência acontecer.

E, se Maria Felipa tiver entrado para a história sem nunca ter existido de verdade, uma só

heroína irreal ainda seria insuficiente para pensar a quantidade muito maior de heróis reais que entregaram suas vidas pelo "sol da liberdade". As margens do Rio Jenipapo, no Piauí, numerosas covas sem identificação seguem deitadas eternamente em berço esplêndido, embora seus ocupantes jamais possam ser lembrados e celebrados. São, também, brasileiros que morreram lutando contra os portugueses, em uma das batalhas mais sangrentas daqueles anos. Que celebremos Maria Felipa, então, como símbolo desses tantos anônimos que pereceram.

Em janeiro de 1822, as Cortes portuguesas queriam que Dom Pedro I retornasse a Portugal, é verdade. E ele decidiu, influenciado por Dona Leopoldina e José Bonifácio, responder com um "fico!". O episódio ficou conhecido pelo texto criado pelo Senado e atribuído ao príncipe regente: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico".

Meses mais tarde, em setembro, D. Pedro retornava a São Paulo, vindo de Santos, quando, às 16h do dia sete, recebeu documentos e mensagens pelo correio da Corte. José Bonifácio lhe enviou carta solicitando seu imediato retorno ao Rio de Janeiro, com as seguintes palavras: "Senhor, o dado está lançado, e de Portugal não temos a esperar senão escravidão e horrores".

Segundo o padre Belchior, que acompanhava a comitiva, D. Pedro, tomado de fúria, reuniu sua guarda e jurou, com espada empunhada: "Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil". O sangue derramado, no entanto, sempre esteve longe de ser o dele.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Seis mais um do nove

Por todas as implicações de ordem políticas que o Sete de Setembro passou a concentrar, esse poderá se constituir num evento singular e até extraordinário, dependendo para isto de um fator essencial que vem a ser a adesão maciça e espontânea da população brasileira. Não por outra razão o chamado "deep state" ou em linhas gerais, "o sistema", teme pelas consequências dessas manifestações, principalmente pelos reflexos que essas presenças possam trazer para as eleições de outubro.

Comemorações de cunho histórico pelo Bicentenário da Independência passaram para um segundo plano, embora esse evento tenha tudo para vir a figurar nos livros didáticos de história, como um acontecimento ou um ponto, digamos, fora da curva. A depender do apoio dos brasileiros a essa demonstração, as eleições, que irão acontecer em pouco menos de um mês, serão sensivelmente afetadas.

Nesse sentido, a festa de Independência, depois de mais de dois anos de paralisação por causa da pandemia, poderá representar, quer muitos desejem ou não, um ponto de inflexão importante para os rumos do país, a depender, é claro, de outro fator muito importante que é a lisura das eleições, mesmo ante a impossibilidade do voto impresso, como queria parte dos candidatos atuais.

Pelas providências que já foram tomadas e por outras que certamente virão, sem muito alarde por parte das autoridades e do establishment, trata-se de um evento de grandes proporções, sobretudo na capital, onde é esperado um grande número de caravanas de todo o país. Por conta de toda essa mobilização, em torno do Sete de Setembro, há mais de um mês as Forças Armadas já vinham mantendo um regime extraordinário de prontidão, com seguidas reuniões e preparações estratégicas prévias, de modo a garantir segurança e tranquilidade que a data exige.

A depender do que tem sido verificado em outras manifestações da turma do verde e amarelo, maldosamente alcinhada por parte da imprensa de direita, a festa da Independência será tranquila e pacífica, com famílias inteiras presentes nos eventos por todo o país. À semelhança de outros acontecimentos do gênero, a presença de idosos, crianças, todos comemorando a possibilidade de liberdade e paz, novamente será o destaque da festa. A bandeira nacional e amor e apego aos valores e à cultura brasileira, manifestações tão comuns também na maioria dos países desenvolvidos, que levam esses eventos muito à sério, parecem estar de volta e fazem bem ao sentido de nação.

A apego aos valores nacionais, que estrategicamente as esquerdas passaram a denominar chauvinismo, associando-o, erroneamente a xenofobia, não pode continuar a ser confundido e até menosprezado quando se nota que são esses os valores que induzem o sentido de nação e de pertencimento à uma mesma origem, mesma cultura, mesmo destino.

Incentivar os reais valores nacionais, independente da coloração política, permite estender o sentido de família, à toda a sociedade, dando coesão e fortalecendo o aspecto humano do Brasil. É com orientações dessa natureza que as grandes nações do planeta se fizeram fortes e respeitadas. Não há outra receita para uma nação.

» A frase que foi pronunciada

"E viva o Brasil livre e independente! De hoje em diante traremos um laço verde e amarelo, e estas ficarão sendo as cores brasileiras. Independência ou morte!"

Dom Pedro I

Pérola aos porcos

» Um dos absurdos de força tarefa mal empregada é chamar o Corpo de Bombeiros para atender bêbados. Concurso, provas, exames físicos, treinamento, capacitação, para virar "babá de bêbado" é um disparate. O termo foi usado por um morador do Núcleo Bandeirante. Vamos ver se há alguma ideia na Câmara Legislativa para resolver essa situação.

Saudável

» Projetos de inclusão são muitos pelo DF. Capoeira, futebol, música. Seria interessante que as administrações construíssem com as medidas certas, mesas de tênis pelas praças. É um esporte que desperta o cognitivo, velocidade, interação com a comunidade.

Sem bolsa

» Nova modalidade de furto tem acontecido dentro de igrejas em Brasília. Pessoas desavisadas deixam os pertences no banco e os larâpios fazem a festa. A última vítima estava na N.S. do Lago, no Lago Norte. Tudo filmado, a meliante tirou o celular da bolsa e saiu tranquilamente da igreja com um comparsa.

» História de Brasília

O assunto hoje começa com "Gavião". Esquecido, abandonado, largado, caindo aos pedaços, lamacento, sem luz, telefone, taxi, farmácia e até a Cruz que o abençoava do alto mãos criminosas a puseram dentro de uma torre metálica. (Publicada em 10.03.1962)